Notas e Comentários

Lições dos Community Colleges: temos algo a aprender?*

Cláudio de Moura Castro **

Amarillo tem uma população de 130 mil habitantes. O Amarillo College matricula 30 mil alunos. Em outras palavras, cerca de 30% da população da cidade, a cada ano, faz pelo menos algum curso na instituição. Se, de um lado, há velhos aprendendo a estofar uma poltrona, outros aprendem a reparar motores diesel ou trabalham em projetos de pesquisa em microeletrônica.

O crescimento vertiginoso dos Community Colleges nas últimas décadas corresponde a uma adição bem-vinda ao repertório de instituições, em um país tão pródigo em inovações como os EUA. É educativo para nós examinar algumas características dessas instituições, desde que tenhamos o cuidado de entender que não há *a priori* razões para replicar – sem ou com adaptações – instituições desse tipo. Isto já foi tentado e, previsivelmente, falhou de forma retumbante.

Em essência, o Community College é um curso pós-secundário com duração razoavelmente padronizada em dois anos, e em que a matrícula pode, em certos casos, igualar-se à de grandes universidades. No entanto, sua característica fundamental é poder ser muito pequeno e compatível com a demanda local de pequenas cidades. Outra característica central é que, ao contrário das universidades e *colleges*, não são residenciais, isto é, não têm dormitórios, sendo freqüentados por alunos da própria cidade onde se localizam. Nesse sentido apenas são muito parecidos com nossas faculdades e universidades.

Os Community Colleges preenchem dois tipos de funções: oferecer os dois anos iniciais do ciclo universitário e também, como alternativa, dois anos de cursos voltados para o mercado de trabalho local. No primeiro caso, trata-se do ciclo básico que conhecemos, por havê-lo em boa medida copiado. Composto de um conjunto de disciplinas de caráter muito geral e muito pouco especializadas, mesmo em comunidades pequenas há escala mínima de operações para oferecê-las. Após os dois anos, os alunos se encaminham para cursos universitários em cidades maio-

* A presente comunicação foi motivada por uma visita do autor a diversos Community Colleges do Texas.

** Da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do CNRH/IPEA.

res, onde vão realizar seus estudos na multiplicidade de carreiras universitárias usualmente oferecidas. Este papel do Community College tem para nós menor interesse e não voltaremos mais a ele.

Na sua dimensão vocacional o Community College tem duas marcantes características: o caráter prático de seus cursos e uma estreita vinculação com o mercado de trabalho local. O objetivo não é o mercado nacional ou as profissões convencionais, mas sim satisfazer as necessidades percebidas na própria comunidade em que operam. Nesse ponto, o seu desempenho é exemplar e muito teriam a nos ensinar. Cada um dos seus cursos é organizado e acompanhado por um comitê de profissionais da área da prórpia comunidade. Geralmente são integrados por diretores, engenheiros e supervisores, em grupos de oito em cada carreira.

Outro aspecto de extrema importância é que os instrutores das matérias práticas são contratados qualquer que seja o seu nível de instrução. Um bom número deles não tem sequer nível universitário. No entanto, exige-se um certo número de anos de experiência diretamente no setor produtivo. Ao mesmo tempo, não se exige qualquer experiência acadêmica, sendo os problemas de ordem pedagógica resolvidos por um treinamento rápido. Realmente, a cara e o jeito dos professores sugerem que o seu mundo é a oficina e não a sala de aula. Que enorme choque para nós que temos estereótipos muito fortes acerca do que seja um universitário.

Chama atenção o número e a variedade das profissões oferecidas, algumas inclusive que sequer chegam a existir no Brasil com tal grau de especificidade. Por exemplo: secretária médica, assistente dentária, terapeuta respiratória, administrador de estúdio de gravação, etc.

Mas, devemos entender essas instituições como algo profundamente distante de nossa realidade. Treinar soldadores, mecânicos de automóveis ou operários de construção civil a nível universitário nada tem a ver com as nossas necessidades. E é isso, na verdade, o que está acontecendo nestas instituições. Os alunos têm cara de operário, jeito de operário e vestem-se como tal, da mesma forma que os professores. O perfil do graduado corresponde mais ou menos ao que realiza no Brasil o Senai, tomando alunos com 4 a 8 anos de escolaridade.

Todavia, em áreas de maior densidade tecnológica, o ensino pode ter uma forte afinidade com nossas necessidades, como, por exemplo, manutenção de computadores, eletrônica industrial, instrumentação, etc. Nessas áreas, temos a explorar mais a contribuição dos Community Colleges para alguns programas brasileiros.

Os preconceitos contra as profissões onde se sujam as mãos são freqüentemente identificados com a cultura ibérica. De fato, atingem entre nós um nível particularmente disfuncional. Não obstante, esses preconceitos não são nem desconhecidos nem inexistentes nos países anglo-saxônios. O ensino pós-secundário será sempre um foco de tensão entre o esnobismo e a maior visão de conjunto dos grupos mais acadêmicos e o pragmatismo, modéstia e certa rigidez mental daqueles com formação mais próxima da realidade do mercado de trabalho. Apesar de serem provavelmente muito mais aplicados do que os nossos, os cursos de engenharia americanos são acusados – sobretudo pelos defensores dos Community Colleges – de serem abstratos e destituídos de suficiente conteúdo prático. Ao mesmo tempo, dentro dos próprios Community Colleges, por toda a parte observa-se certa tendência de busca de *status* via maior rarefação dos conteúdos. Em outras palavras, os "educadores" tentam muitas vezes elevar o nível acadêmico de suas instituições, o que significa quase sempre aproximá-las da teoria e distanciá-las da prática. Assim, ao que parece, muitos Community Colleges estão sujando menos as mãos e oferecendo uma educação mais em linha com os paradigmas universitários. De forma atenuada, observa-se nos Community Colleges a mesma voragem academicista que praticamente descaracterizou nossos cursos de engenharia operacional.

Os cursos curtos, chamados de tecnológicos e coisas parecidas, ao que tudo indica, não funcionaram no Brasil. A tentação de cursar dois anos adicionais e receber um diploma de primeira grandeza sempre foi excessiva. Contudo, vivemos um momento onde parece haver um excedente de engenheiros, sobretudo aqueles formados em programas ao mesmo tempo convencionais e fracos. Isso significa que os engenheiros serão obrigados a realizar tarefas bastante mais simples e mais práticas, para as quais não estão em absoluto preparados. Poderíamos pensar em reforçar as disciplinas práticas dos cursos de engenharia tal como existem, sem maiores preocupações com reformas curriculares. Além disso, dar maior carga horária e profundidade a essas matérias que combinam atividades práticas com dimensões teóricas. Engenheiros assim treinados, na verdade, seriam bons técnicos munidos do maldito diploma, de tal forma que não teriam motivação de abandonar sua ocupação ou carreira.

Inevitavelmente, há grandes desperdício de tempo em formar em quatro anos quem poderia ser preparado ao nível secundário ou com um, dois ou três anos de universidade. Não obstante, não podemos ignorar as aspirações e atitudes dos estudantes, bem como a realidade do mercado de trabalho. Há que se trabalhar com as pessoas como elas são e não como gostaríamos que fossem. Existem, entretanto, algumas estratégias possíveis, inclusive uma sugerida pelos Community Colleges: a inversão dos currículos, os dois anos profissionalizantes vindo antes dos dois anos

do básico. Se a parte do currículo que realmente é útil para o mercado de trabalho for ensinada nos dois anos iniciais, haverá uma forte propensão para terminar os estudos após esses dois anos. Somente aqueles com maiores aspirações ou com maior facilidade para o pensamento abstrato prosseguirão para os cursos mais teóricos de física, cálculo, etc. É claro que os pedagogos protestarão veementemente. A demonstração de que pode ser feito é o fato de que com uma certa freqüência isso está sendo feito nessas instituições.

Há outro aspecto que merece ser explorado. Os Community Colleges usam tecnologia educacional abundantemente, ao contrário da tendência mais conservadora das universidades em geral, mesmo nos EUA. Desse ponto de vista, oferecem uma esplêndida aula de como novas técnicas de ensino e os recursos audiovisuais – em particular o vídeo-teipe – podem ser utilizados com grande intensidade.

Vale a pena recuperar um aspecto importante da estratégia de treinamento a ser utilizada em cada caso. Estamos aqui tratando de pessoas que têm 12 anos de escolarização formal, em instituições que, ainda não sendo excepcionalmente exigentes – em termos de dedicação e desempenho acadêmico – pelos nossos padrões são excepcionalmente dotadas de recursos humanos e materiais. Nesse contexto, as estratégias de ensino tendem a ser fortemente baseadas em uma instrução "papel e lápis", ainda quando métodos mais contemporâneos são utilizados. A palavra escrita e certo grau de abstração correspondem à essência de todas as estratégias utilizadas. Mesmo nas matérias mais práticas, as instituições são recebidas por escrito e ao fim do trabalho exige-se um relatório ou outra manifestação escrita. Há forte empenho em desenvolver as habilidades e práticas de comunicação escrita. Mas cumpre reconhecer que tais estratégias de ensino requerem uma forte convivência escolar, mesmo para as ocupações manuais cujo desempenho pode até ser bastante distanciado de tais exigências. É importante confrontar essa situação com as estratégias utilizadas, por exemplo, pelo Senai, onde a palavra escrita é inevitavelmente acessória e complementar a um processo de demonstração prática acompanhada de comentários verbais.

Há alguns anos falou-se muito em "Mastery learning" ou, como foi chamado no Brasil, "Aprendizado para o domínio". Na verdade, muito se falou e pouco se fez. Em contraste, vimos um exemplo, no Texas Central College, de extensiva utilização desse formato de aprendizado e, ao que tudo indica, com grande sucesso. A estratégia consiste em fixar objetivos muito claros no conteúdo que se deseja dominado e critérios explícitos do que corresponde a um desempenho suficiente. O material é organizado de tal forma que a aula expositiva se torna desnecessária ou completamente abolida. O professor é utilizado para acompanhar os alunos

e para esclarecer dificuldades à medida que elas apareçam. Além disso, cada aluno caminha no seu próprio ritmo, não dependendo da evolução dos seus colegas ao longo do curso.

No caso do Texas Central College, este método revelou-se particularmente conveniente, em vista da dispersão geográfica de suas atividades. Trata-se de uma instituição localizada próximo do maior quartel americano. As necessidades de pessoal civil e militar localizado em outras partes do mundo levaram, progressivamente, essa instituição a oferecer cursos nas bases americanas. Embora não se trate de ensino a distância, o acompanhamento e o controle de qualidade de cerca de 100 mil alunos anuais nada tem de trivial. Uma característica interessante do material utilizado é que, em muitos casos, não são gerados textos substantivos, mas utilizam-se livros-textos convencionais, consistindo o programa num guia e em maior estruturação do aprendizado e da avaliação.

Vale a pena registrar a freqüência e a intensidade com que se utilizam recursos audiovisuais, não apenas o vídeo-cassete mas também gravador de som. Os cursos de datilografia e estenografia utilizam exclusivamente esses meios, não havendo mais exposição ou outra forma de aula discursiva. O vídeo-teipe em postos individuais de estudo seria totalmente fora de nossa realidade. Contudo, há muitas faixas de utilização coletiva do vídeo-teipe que deveríamos examinar com mais cuidado. O uso do computador para o ensino, da mesma forma, já está bastante difundido em instituições desse tipo.